

Fragmentação socioespacial, espaço público e hip hop: as batalhas de MCs em Ribeirão Preto/SP

Socio-spatial fragmentation, public space and hip hop: the battles of MCs in Ribeirão Preto/SP

Rafael Roxo

Pós-doutorando em Geografia pela UNESP
campus de Presidente Prudente, bolsista FAPESP, Brasil
e-mail rafaelroxo@hotmail.com

Eda Maria Góes

Professora assistente doutora da UNESP
campus de Presidente Prudente, Brasil
e-mail eda.goes@unesp.br

Resumo

O presente artigo busca analisar a produção e a apropriação de espaços públicos a partir das práticas espaciais de jovens associados ao hip hop, na cidade de Ribeirão Preto/SP. Isso ocorre no contexto de aumento das desigualdades e da diferenciação socioespacial, que implicam novas segmentações e o crescimento das fronteiras materiais e simbólicas no espaço urbano. O uso combinado de espaços públicos centrais e periféricos associado às redes sociais virtuais, relativo às práticas espaciais dos coletivos hip hop, aparece como expressão e resposta à fragmentação socioespacial no sentido do restabelecimento do direito à cidade. A produção de novas centralidades e a reapropriação da cidade pelo hip hop indica a formação de ordens no espaço urbano que atribuem novos significados e disputas acerca da relação centro-periférica e ao processo de fragmentação socioespacial em curso. Como recurso metodológico recorreremos à: a) revisão bibliográfica acerca da temática, b) levantamento de notícias de jornais *online*, c) análise dos conteúdos das redes sociais dos coletivos, e d) análise de depoimentos dos integrantes dos coletivos.

Palavras-chave: espaços públicos; práticas espaciais; produção do espaço urbano; direito à cidade.

Abstract

This article seeks to analyse the production and appropriation of public spaces from the spatial practices of young people associated with hip hop, in the city of Ribeirão Preto/SP. It happens in the context of increasing inequalities and socio-spatial differentiation, which imply new segmentations and the growth of material and symbolic borders in the urban space. The combined use of central and peripheral public spaces associated with virtual social networks, related to the spatial practices of hip hop collectives, appear as a response to the socio-spatial fragmentation towards the reestablishment of the right to the city. The production of new centralities and the appropriation of the city by hip hop indicates the formation of orders in the urban space that attribute new meanings and disputes about the center-peripheral relationship and the process of socio-spatial fragmentation. As a methodological resource, we used: a) bibliographical review on the subject, b) news surveys from newspapers, c) analysis of the contents of the collectives' social networks, d) analysis of testimonies of collective members.

Keywords: public spaces; spatial practices; production of urban space; right to the city.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como principal objetivo analisar a produção e a apropriação de espaços públicos no contexto da fragmentação socioespacial, a partir das práticas espaciais de jovens do hip hop na cidade de Ribeirão Preto, SP. Tais práticas atribuem novos significados aos espaços públicos centrais e periféricos e ao processo de fragmentação socioespacial em curso.

As práticas espaciais que ocorrem nas cidades vêm se dando no contexto da fragmentação socioespacial. Esse é um processo no qual o aumento das desigualdades dificulta ou impede o encontro entre segmentos sociais distintos, por meio da imposição de barreiras de ordem simbólica e espaciais, que privam parte significativa da sociedade e os mais pobres do direito à cidade (SPOSITO; SPOSITO, 2020). No entanto, formas de produção e organização política, social e cultural são expressão e parte do processo de fragmentação socioespacial, questionando suas características e dando-lhes novos significados a partir da apropriação dos espaços públicos principalmente.

Segundo Lindón (2006), as práticas espaciais estão relacionadas com o fazer humano: as atividades, as ações e as rotinas cotidianas. O estudo das práticas espaciais reconhece quatro vertentes analíticas: os deslocamentos, as práticas que permanecem em um lugar, os cenários de comportamento, e os padrões e rotinas espaciais (LINDÓN, 2006). As práticas espaciais atribuem uso e função aos espaços públicos, muitas vezes, acompanhados por disputas e conflitos, mais ou menos evidentes, mais ou menos marcados por situações de tensão e violência. Entendemos que essas “disputas conferem uma dimensão política aos espaços públicos” (GÓES; SPOSITO, 2016, p.43), caracterizando-os como o *locus* das disputas políticas e ideológicas contemporâneas (DUHAU; GIGLIA, 2016) que não estão ausentes nos espaços privados de uso coletivo, mas neles experimentam limitações próprias da lógica socioespacial fragmentária.

De acordo com essa concepção, o espaço público e as práticas espaciais que nele ocorrem, tanto as individuais, mas sobretudo àquelas realizadas por grupos e coletivos, de jovens, raça e gênero, dos movimentos sociais, de artistas, entre outros, são compreendidas como “[...] formas de apresentação, comportamentos, atitudes que tem potencial reivindicativo, transgressor e de questionamento de valores e de regras” (GOMES; RIBEIRO, 2018, p. 11). Para estes autores, elas produzem ramificações socioespaciais devido às formas de adesão, conflito, tensão e adaptação derivadas, variando conforme a homogeneidade interna dos grupos e coletivos e de acordo com heterogeneidade da ocupação dos espaços públicos, conferindo menor ou maior força de transformação social.

Essas práticas espaciais expressam as novas formas de sociabilidade e de manifestação do político. De acordo com Maffesoli (2005), presenciamos um processo no qual os princípios individuais cederiam lugar às culturas alicerçadas no sentimento partilhado, com base numa

identificação estética de um “vivido emocional comum”. Tratar-se-ia de uma forma alternativa ao político, no qual mais do que a classe social ou categoria profissional, o estilo, a moda ou certos *habitus* desempenham papel fundamental na constituição das sociabilidades, marcadas pela formação de tribos¹.

Nas cidades contemporâneas, temos evidências de processos combinados e contraditórios que indicam tendências de individualização (BOURDIN, 2005) e novas sociabilidades a partir de grupos, coletivos, novos movimentos sociais e tribos. No primeiro caso, a individualização é condicionada sobretudo pelas novas formas de consumo (e sua recriação pelos indivíduos, classes sociais e grupos), entendido como um campo no qual se produzem e comunicam diferenças (BOURDIEU, 2008). No segundo, é o “vivido emocional comum” e a “pulsão gregária” (MAFFESOLI, 2005) que estimularia a constituição de novas coletividades e, portanto, novas formas de sociabilidades e de fazer política.

As ações de jovens ligados ao movimento hip hop, realizadas nos espaços públicos, evidenciam aspectos das práticas espaciais contemporâneas. Ainda que a moda e os estilos estejam ligados ao consumo, o hip hop é interpretado por diversos autores como uma forma de contestação social e política de um novo sujeito social na esfera pública cotidiana (LOURENÇO, 2010), a partir de práticas espaciais insurgentes (SOUZA, 2020). Como geógrafos, nos interessa compreender as práticas espaciais inseridas nas tramas da produção e a apropriação das cidades, a partir do seu cotidiano. Desse modo, compreendemos, conforme Turra Neto (2013, p.1), o hip hop como uma “[...] cultura juvenil transterritorial que, localmente, permite a constituição de uma rede de sociabilidade juvenil”.

Como recurso metodológico recorreremos: a) revisão bibliográfica acerca da temática, b) levantamentos de notícias de jornais, c) análise dos conteúdos das redes sociais dos coletivos (*Instagram, Facebook, Youtube*), d) análise de depoimentos dos integrantes dos coletivos. Os depoimentos que analisamos são transcrições que realizamos a partir de documentários produzidos pelo Serviço Social do Comércio (SESC), durante o ano de 2019, como parte do mapeamento das batalhas de Ribeirão Preto pelo projeto Juventudes Periféricas. Com isso, a partir das práticas espaciais e das falas dos sujeitos sociais ligados ao hip hop, é possível compreender a constituição das subjetividades e a produção e apropriação dos espaços públicos, bem como aspectos que buscam subverter a lógica centro-periférica e fragmentária da cidade contemporânea.

A produção e apropriação de espaços públicos e o uso das redes sociais aparece como principal estratégia e ação desses coletivos. As práticas espaciais do hip hop criam novas centralidades no

¹ De acordo com Maffesoli (2005), as tribos pós-modernas podem ser definidas pelo fato de repartir e de viver um gosto particular, sexual, musical, religioso, esportivo, dentre outros. As tribos urbanas expressam as novas segmentações e identidades que vêm emergindo para além das classes sociais e categorias profissionais, ainda que estas tenham importância fundamental na estruturação socioespacial, nos imaginários e práticas espaciais. Sobre as tribos urbanas, em âmbito nacional, ver o livro organizado por Pais e Blass (2004).

espaço urbano, como mostram Tavares (2018) e Souza e Bernardes (2017), com base em Lefebvre (1999, p.93), para quem “não existem lugares de lazer, de festa, de saber, de transmissão oral ou escrita, de invenção, de criação, sem centralidade”. De outra perspectiva, Oliveira (2012) indica a influência do hip hop nas mudanças no campo identitário da juventude, mas também nas instituições e das estruturas sociais, a partir da sua inserção na esfera pública.

O artigo está dividido em quatro partes. Além dessa introdução e das considerações finais, na segunda parte discutimos os aspectos teórico-metodológicos que sustentam a análise. Na terceira parte avaliamos um caso concreto das práticas espaciais e a apropriação de espaços públicos pelo hip hop no contexto da fragmentação socioespacial.

2. “A RUA É O RAP” – ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DO HIP HOP NO CONTEXTO DA FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

“A rua é o rap” é um dos jargões usados pelos MCs para expressar a origem das canções que animam o movimento hip hop, “da rua para rua”. Para a compreensão dos seus principais espaços de atuação e disseminação, Turra Neto (2013, p.6) considera dois aspectos teórico-metodológicos. Um primeiro, referente “[...] à relação global/local no quadro do hip hop e aos processos de desterritorialização e reterritorialização envolvidos na difusão do estilo”. Um segundo, relativo “[...] aos significados da cultura e do rap para os jovens e as jovens que nela se engajam.” Ambos aspectos serão aprofundados ao longo desse artigo.

Antes disso é fundamental a compreensão de que as práticas espaciais têm relação com a forma da cidade, cada vez mais dispersa, difusa e fragmentada devido à reestruturação produtiva. Navez-Bouchanine (2002), com base em Soja (1989), para a conceituação de fragmentação afirma que está em jogo a natureza do capitalismo e seu espaço: “[...] separação e divisão, a fim de unificar, atomização, a fim de abranger, segmentação para totalizar, fechamentos para homogeneizar e individualizar para obliterar diferenças e união.” (SOJA, 1989, p.215 *apud* NAVEZ-BOUCHANINE, 2002, p.52). Seguindo com a autora, a fragmentação indica uma nova etapa do processo de urbanização, influenciadas pela mobilidade e comunicações generalizadas, novas localizações das atividades e novas lógicas econômicas dos atores, novos modos de vida, polarizações e redes². Nesse sentido, o espaço urbano contemporâneo, em função das rupturas e separações que expressam as tendências da produção capitalista do espaço – fragmentação, homogeneização e hierarquização

² Navez-Bouchanine (2002) recorre a extensa bibliografia para definir o conceito de fragmentação, que possuiria diversas dimensões imbricadas (social, espacial, socioespacial, urbana, político-administrativa, da política de gestão urbana...) e causas (pós-modernidade, mundialização, reestruturação produtiva), não havendo, deste modo, apenas uma substantivação para o termo. Para a autora, com a passagem do fordismo para a acumulação flexível e o processo de globalização, houve o aumento das desigualdades socioespaciais, sendo expressas diferenças que seriam consideradas incompatíveis com o fazer sociedade.

(LEFEBVRE, [1985] 2013) – funciona a partir de ordens, marcadas por normas (formais e informais) e práticas espaciais localizadas e segmentadas, mas que possuem unidade e interdependência entre si (DUHAU; GIGLIA, 2016).

Todos esses aspectos combinados indicam, como sugerem Góes, Sposito e Catalão (2019, p.10-11), uma complexificação das relações socioespaciais no sentido da fragmentação socioespacial, com desigualdades e separações que não se restringem às moradias, mas que abarcam todas as “formas de sua ocupação e apropriação social e política”, que não se explicam mais apenas pela lógica centro – periférica. As lógicas centro-periféricas e fragmentárias se sobrepõem e justapõem, condicionando continuidades e descontinuidades socioespaciais, como estamos analisando. Em âmbito nacional, desde os anos 1990, mas principalmente a partir dos anos 2000, com a ampliação do crédito e do consumo, vem se intensificando a diferenciação e a individualização das práticas espaciais, que orientadas pelo consumo, de um modo geral, se distanciam da vida coletiva e representam novas formas de controle social. Ao mesmo tempo, a ampliação do consumo para a classe trabalhadora apresenta potencialidades de criação de identidades e cidadania no sentido do direito à cidade, como analisaremos em relação ao hip hop.

Esse é o contexto socioespacial da produção do hip hop, que surgiu em meio à juventude negra e hispânica pobre, como um modo de reelaboração da experiência da segregação socioespacial nos EUA, pautado na busca pela criação de uma identidade alternativa e afirmativa frente à opressão a que eram submetidos, entre os anos 1970 e 1980, particularmente no Bronx, em Nova Iorque. A partir da mídia rádio-televisiva, por meio da música de artistas do RAP principalmente, essa cultura se difundiu pelas periferias das cidades mundo afora, crescendo no Brasil, a partir de meados dos anos 1980 e 1990. Esses grupos de jovens majoritariamente periféricos recriariam o hip hop– conjunto formado pela música (*rhythm and poetry - rap*³), a dança (*break*), a pintura (grafite), as roupas e o estilos –, relativizando-o nos lugares (GOMES, 2012; TURRA NETO, 2013; TAVARES, 2018; MOURA, 2017).

Como analisaremos, o hip hop, assim como o samba, possui forte vinculação com o espaço público e sujeitos sociais que foram e são ainda fortemente estigmatizados. O samba, no Rio de Janeiro, tem sua história e espacialidade, no início do século XX, vinculada à Praça Onze, em lugar da cidade conhecido como “Pequena África”. O entrecruzamento do mundo do Candomblé, os terreiros das tias baianas, sambistas, artistas, intelectuais e admiradores, ao redor da Praça Onze, deram origem às primeiras gravações desse gênero musical e ao surgimento dos cordões carnavalescos no Rio de Janeiro (MOURA, 1983). De modo semelhante, mas em outro contexto

³ Além do *freestyle*, que é o gênero praticado nas batalhas, outros como o *trap* também são parte da musicalidade do hip hop. Moura (2018) identifica outras variantes: *charm*, *Miami bass*, *pop rap*, *rap core*, *gangsta rap* e *rap underground*, que em parte se desenvolveram pelas fusões e assimilações de outros estilos musicais. A pesquisa de Gomes (2012) mostra as especificidades do rap em âmbito regional, no Brasil.

histórico, o crescimento e a disseminação do hip hop, em São Paulo, nos anos 1990, teve como locus de encontro, das juventudes oriundas na sua maioria da periferia, a estação de metrô São Bento, a praça de mesmo nome, a rua e a Galeria 24 de Maio, no centro da cidade (FELIX, 2005).

A disseminação do hip hop pelas periferias das grandes cidades ganhou força nos anos 1990, sobretudo com as rádios piratas que divulgavam os principais artistas do *rap* nacional. Artistas como Thaíde e DJ Hum, N de Naldinho, Racionais MCs, entre outros, ganharam maior atenção do público, desde então. O disco “Raio X Brasil” (1993) do grupo Racionais do MCs, com canções como “Fim de semana no parque”, “Um mano na porta do bar” e um “Homem na estrada”, projetaram a banda no cenário nacional, abrindo caminho para o rap e outros artistas no cenário musical nacional.

Entretanto, sabemos também que, contraditoriamente, processos de apropriação mercantil da cultura hip hop incorrem, assim como ocorreu com o samba, afastando, esvaziando ou simulando a cultura e seus aspectos basilares, para aproximá-la do *mainstream* e do consumo (MOURA, 2017). Nessa direção, Santos (2020) mostra as contradições do hip hop a partir da análise da trajetória do *rapper* Emicida, surgido nas batalhas de MCs, e que se transformou num dos maiores nomes do gênero musical no cenário nacional. Essa última autora faz referência à história do artista, mas não espacializa o rap, ou seja, ignora ou não se aprofunda nas ramificações que a cultura hip hop traz para a juventude e suas práticas espaciais, contestatórias e/ou pró-mercado, que procuraremos demonstrar.

Apesar de heterogêneo, Oliveira (2012) considera que o hip hop apresenta como elementos centrais da sua identidade, a consciência histórica de que ele é fruto da diáspora africana, como um processo histórico, no qual a memória dos sujeitos que o criaram é parte integrante desse processo e de suas heranças históricas. A indumentária, o andar, o gingado, os cabelos estilo afro são parte da afirmação de uma corporeidade e identificadores imagéticos da cultura política negra, tida como um processo vivencial, criado por sujeitos subalternizados e silenciados nas cidades. A linguagem e os códigos linguísticos orientados para a afirmação de um discurso da periferia são componentes dessa cultura política construída por sujeitos das periferias, num processo vivencial que sustenta a legitimidade dos sujeitos que falam sobre o hip hop.

Como bem mostra Tavares (2010), o hip hop é produtor de orientações coletivas que conforma certa “visão de mundo”, que é uma “forma de pensamento fronteiro”, produzido em “condições de opressão estruturadas historicamente” (de gênero, raça/etnia, classe), mas que “permite uma reflexão e a criação de novas estratégias e lutas pela liberação”. Como estamos argumentando, as práticas espaciais dos sujeitos do hip hop significam a produção de novas centralidades e a ressignificação das relações centro-periferia, pela apropriação de espaços públicos. Gomes (2012) identifica, além disso, a participação de jovens do hip hop na política formal, concorrendo a cargos públicos, participando de editais e da criação de leis. Assim, o hip hop pode ser caracterizado, como é inclusive o caso das batalhas de MCs, como uma forma de prática espacial insurgente. Estas remetem a um

“conjunto estruturado de ações” referenciados à ideia de *práxis*, ou seja, é uma ação política que, em maior ou menor grau, questiona e busca “influenciar ou transformar as relações de poder” (SOUZA, 2020, p.250).

Nascimento (2021, p.329) discute como os movimentos hip hop, funk e do que denomina “literatura periférica”, sinalizam “uma mudança simbólica importante, que os coloca como sujeitos da representação e produtores de uma estética específica”. As práticas espaciais dos ativistas, artistas, escritores, poetas, músicos e coletivos “estão agenciando modos de ser e estar no mundo”, que questionam e mobilizam seus participantes a lutar contra as desigualdades e exigirem melhorias culturais e sociais nos lugares em que vivem. Machado (2021), assim como Tavares (2010), considera que o hip hop é produzido por sujeitas/os de fronteira, que em devir se colocam no encontro das diferenças, “para se somarem numa expansão comunitária a fim de dar continuidade existencial as/aos envolvidas/os”. Sob a ótica da africanidade, “[...]hip hop é compreender que a noção fractal da diáspora africana reverbera em nossos dias” (MACHADO, 2021, p.313-314)⁴. Esse último aspecto está relacionado à origem da Batalha da XV, evento de disputa entre MCs, como veremos adiante, que ocorre semanalmente na Praça XV de Novembro, no centro de Ribeirão Preto.

No Dia 9 de Outubro de 2011, em de Ribeirão Preto-SP, manos e minas se uniram na Praça XV, no coração da cidade... E como lá nos anos 70 no Bronx, assim como nas aldeias Africanas através dos GRIOTs...como nos campos de algodão no Sul dos Estado Unidos, Como nas lavouras de café no Brasil, assim como no sertão Nordestino em forma de Repente, em forma de vocabs, em forma de Freestyle, seja qual for o canto falado, o ponto central é . . . A RIMA... Rimas improvisadas , se inspirando no cenário, no clima, na roupa, no cabelo, no improviso!!!! Assim nos começamos essa saga, que carinhosamente chamamos de “BATALHA DA XV”. Em cantamos sempre pra nos unir: “Tem mc aí ?? Então vem rimar no ringue Na Batalha da XV..Batalha da XV....” Paz a todos.. (Colletivo Thoduspurun A RUA EH O RAP!!! Imagens e Edição – Nego G – descrição do vídeo)⁵

A referência à praça é evidência da dimensão espacial e urbana desse fenômeno e da capacidade de seus integrantes de tecerem redes de sociabilidade que extrapolam as periferias (TURRA NETO, 2013). Desse modo, reafirmam e modificam os espaços de origem, em princípio ao menos simbolicamente, passando por demarcações territoriais, que contestam a relação centro-periferia. As ruas e praças, as quadras de esporte, escolas de bairros periféricos, pistas de *skate* (do centro e da periferia da cidade) são os “terminais de conexão”, que reúnem os jovens e os grupos nas suas trajetórias.

⁴ Conforme Machado (2021), podemos compreender a construção dessas subjetividades a partir da participação dos coletivos, mais especificamente pela corporeidade que envolve. Machado, com referência à Sodré, afirma que o corpo   influenciado pela ordem social e cultural em que está imerso, da qual seleciona e assimila certos aspectos. “A corporeidade seria uma espécie de máquina possibilitadora de conexão das intensidades de um dado grupo gerando uma cole o de atributos de potência e a o” (SODRÉ, 2017 *apud* Machado, 2021, p.313)

⁵ Batalha da XV – 1  Edi o - Ribeirão Preto – SP.

https://www.youtube.com/watch?v=BxALikzp0us&ab_channel=BatalhadaXV (acessado em 14/05/2021).

3. FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL E AS BATALHAS DE MCS EM RIBEIRÃO PRETO: ESPAÇOS PÚBLICOS E ORDENS EM DISPUTA

Ribeirão Preto possui 711.825 habitantes (2020), PIB per capita de R\$ 45, 4 mil (2018), IDHM 0,800 (2010) e densidade demográfica de 928,92 hab/km² (2010)⁶. Esses dados aparentemente positivos escondem a elevada desigualdade e diferenciação socioespacial da cidade, como veremos, apesar de Ribeirão Preto figurar como 22º município em qualidade de vida no estado de São Paulo.

O mapa 1 mostra explicitamente essas características. No norte se concentram os moradores com renda entre 1/2 e 3 salários-mínimos, os empreendimentos residenciais populares do CDHU, COHAB, MCMV e os bairros de urbanização precária, configurando-se como a área pobre. O sul, em contraposição, caracteriza-se como área rica, onde se concentra a população com renda acima de 20 salários mínimos, os condomínios fechados, os eixos com elevada e média concentração de comércio e serviços, os *shopping centers* e hipermercados.

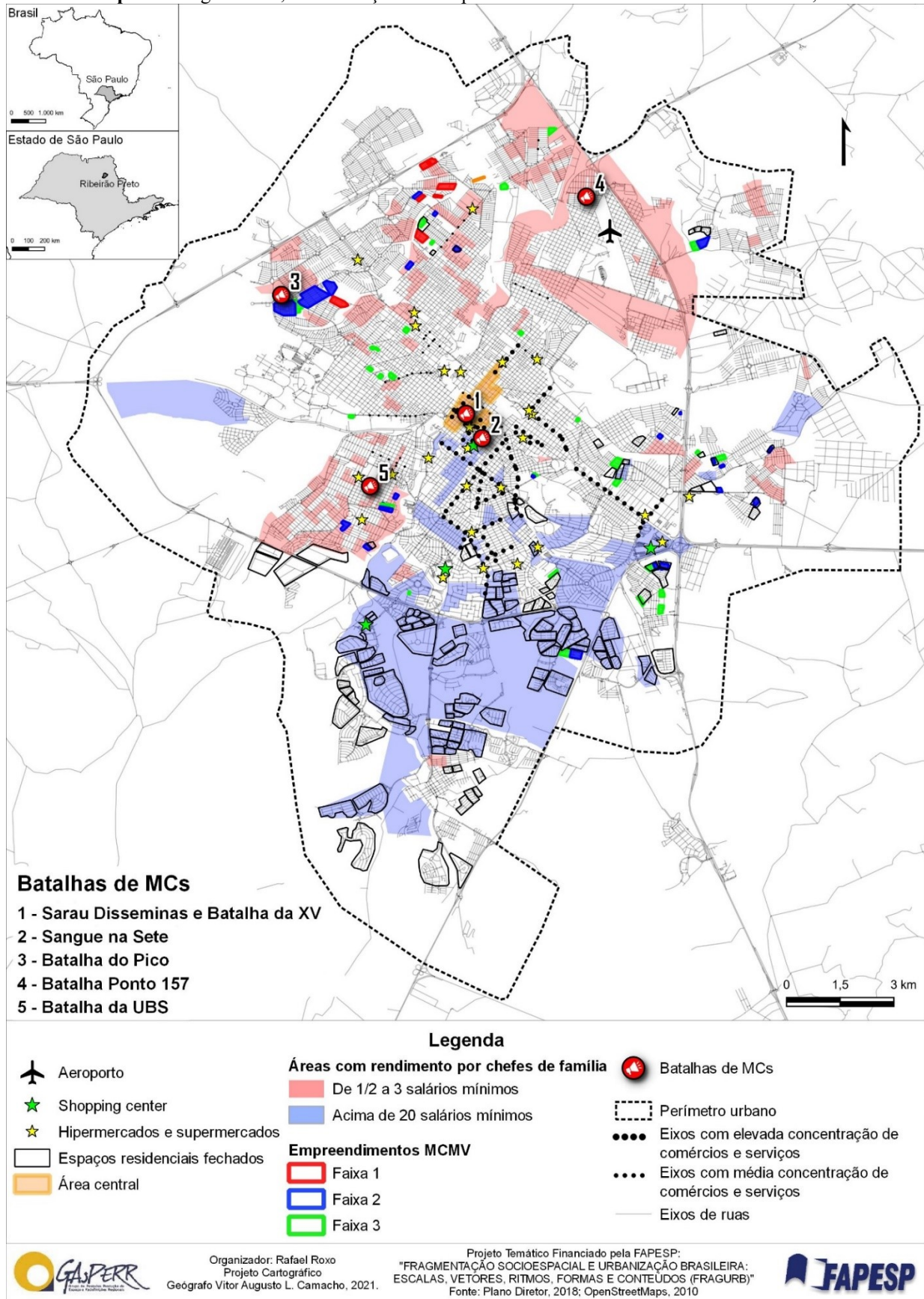
A desigualdade e a diferenciação socioespacial de Ribeirão Preto foram historicamente produzidas. Nesse sentido, Zamboni (2018) demonstra como o código de postura, do final do século XIX, o zoneamento municipal, da década de 1950, a legislação municipal que permitiu a expansão imobiliária para o sul, e o plano diretor, de 1995, contribuíram para a estruturação urbana de caráter centro-periférico e a polarização norte-sul. Em contrapartida ao sul rico, no norte, a carência de infraestruturas, equipamentos urbanos e espaços públicos, em quantidade e qualidade suficiente e satisfatória para a população, moradias autoconstruídas e habitações precárias aparecem como aspectos comuns da condição urbana periférica brasileira. A juventude oriunda desses espaços periféricos compõe a maioria dos coletivos do hip hop.

Como já argumentados no item anterior, as especializações e funcionalidades da cidade e do espaço urbano, o processo de homogeneização, assim como a fragmentação e hierarquização espacial são expressões do movimento do capital no processo de acumulação, a partir da produção do espaço urbano (LEFEBVRE, [1985] 2013). Nesse sentido, a evolução da forma urbana (“a estrutura espacial interna da cidade capitalista”), está diretamente associada às fases de declínio, recessões, repressão e sublevação social que marcam o fim das longas fases do “crescimento expansivo da economia macropolítica do desenvolvimento capitalista”, culminando na “recontextualização da vida social”. Cada país adentra na “era das reestruturações” em data específica, estando as cidades e sua organização social interna, de modo diferente, a ela implicada (SOJA, 1993, p.210-2).⁷

⁶ Fonte: IBGE-Cidades. <https://cidades.ibge.gov.br/> acessado em 23/02/2021.

⁷ O aprofundamento da categoria produção trazido por Lefebvre ([1985] 2013), retoma a ideia de que o espaço é resultado da interação entre a estrutura, forças produtivas e das relações de propriedade. O espaço interfere tanto na produção como na sociedade, além disso, a produção do espaço tem correspondência com o trabalho na produção capitalista e industrial. Do mesmo modo que as relações de produção capitalistas tendem à homogeneização, à fragmentação e à hierarquização das funções e atividades no interior do processo produtivo, a lógica do espaço reproduz a lógica da troca, da eficiência e da produtividade, sobretudo pela planificação urbanística, reproduz a funcionalidade e o controle, hierarquias e padrões,

Mapa 1: Desigualdades, diferenciação socioespacial e batalhas de MCs em Ribeirão Preto, SP



necessários à acumulação capitalista. Entretanto, formas distintas de produção, apropriação e resistência emergem sobre essas condições socioespaciais indicando a sua superação o reestabelecimento do direito à cidade. Sobre o tema ver: Harvey (2014), Roxo (2019; 2020).

Além disso, no caso de Ribeirão Preto, desde os anos 1980, veio se acentuando o movimento de abandono do centro por parte da elite, que se deslocou juntamente com o comércio de alto padrão, para as porções sudeste e sul (MIRANDA, 2005). A desvalorização do centro implicou diretamente nos investimentos públicos e privados na área, que decaíram. Posteriormente, houve um processo de reorganização espacial do centro, desenvolvendo-se subáreas marcadas pela setorização, entre elas: a rua Barão do Amazonas, com um comércio voltado para classe alta; a “Baixada”, nome popular atribuído à área situada numa depressão, que passa por um intenso processo de “popularização”, tornando-se habitada por cidadãos de classe baixa; e instalação de grandes lojas e verticalização acentuada de residências de classe média próxima à Praça XV de novembro.

Tais características, segundo Sposito e Góes (2019), indicam a exacerbação da separação e da concentração de residências dos mais ricos, dos novos comércios e serviços voltados a esse segmento socioeconômico no espaço urbano de Ribeirão Preto. Esses processos estão implicados no aumento da autosegregação, no afastamento territorial dos mais pobres e na oposição desses *habitats* – por meio da distância física, controles e barreiras materiais e imateriais –, configurando um aumento das dificuldades de acesso ao espaço urbano e, portanto, das desigualdades, com a maior homogeneização socioespacial de cada um deles. A sobreposição de estruturas centro-periféricas com estruturas multi(poli)cêntricas, que favorecem a distinção entre as práticas espaciais relacionadas ao consumo das diferentes classes sociais, indivíduos e grupos, em última instância, as muitas divisões do espaço e do tempo, caracterizariam “mosaicos” e “tramas reticulares” de diferentes e desiguais possibilidades (SPOSITO; GÓES, 2019).

Para Carlos (2001), essa reorganização dos usos (tempos) e do espaço gera cada vez maiores estranhamentos, pois os elementos conhecidos da realidade são transformados, levando a perda da memória social e à fragmentação da identidade e das práticas espaciais. Nos últimos anos, o aumento das desigualdades socioeconômicas e da diferenciação espacial envolve grandes dificuldades de acesso dos mais pobres a serviços, comércio, espaços públicos e lazer de qualidade. Diante de práticas espaciais segmentadas (em relação ao consumo e ao lazer, por exemplo), que caracterizam o processo de fragmentação socioespacial, os jovens periféricos, por meio de coletivos hip hop, vêm construindo alternativas. Como afirmamos na introdução e analisaremos, a produção e apropriação de espaços públicos no centro e nas periferias da cidade e sua extensão nas redes sociais aparece como principal estratégia e ação desses coletivos.

Semanalmente, na Praça Sete de Setembro e na Praça XV de Novembro, ambas no centro de Ribeirão Preto, mas também nos chamados “picos” na periferia, ocorrem encontros, os “saraus” e “batalhas”, com a presença de jovens ligados ao hip hop e expectadores dos eventos, que acontecem regularmente há pelo menos dez anos. As batalhas possuem localização e organizadores distintos, muitos dos MCs e expectadores circulam pelas variadas batalhas. As redes sociais, como Facebook e

Instagram, são importantes canais de comunicação desses coletivos. Há alguns anos, as batalhas do hip hop, de MCs, de rima ou de rap vêm passando por um processo de profissionalização, envolvendo eventos de ordem estadual e até nacional⁸, inclusive, alguns dos MCs que tiveram ou tem sua trajetória vinculada às batalhas vem registrando suas músicas em gravadoras como a Nova Era Estúdio, em Ribeirão Preto, promovendo a profissionalização e ampliando a divulgação do movimento hip hop.

Para identificarmos as batalhas de MCs, em Ribeirão Preto, recorreremos principalmente a análise de redes sociais (*Instagram* e *Facebook*) e notícias de jornais *online*. Isso significa que algumas outras batalhas que se organizam por meio das redes sociais e grupos privados (*Telegram*, *Instagram*, por exemplo) não foram analisadas. Das redes sociais virtuais pudemos extrair informações sobre a história, lugares e ritmos de atuação na cidade. As fotos, imagens e vídeos constantes nas páginas dos coletivos permitiram as descrições dos espaços em que elas ocorrem, além de uma série de documentários feitos pelo SESC, como já mencionamos na introdução, e a ferramenta *online* chamada *Google Street View*⁹.

Em Ribeirão Preto, identificamos seis batalhas: Batalha da XV, Sangue na Sete, Sarau Disseminas, Batalha no Pico, Batalha da UBS e Batalha Ponto 157. Houve também a formação de batalhas do centro para as periferias, como ocorreu com as batalhas do Pico, Ponto 157 e UBS, mencionadas. Mais próximos das periferias, esses coletivos são opções de arte e lazer e referência para reflexão e ação acerca dos problemas lá enfrentados.

3.1 Batalha Sangue na Sete

A Praça Sete de Setembro é *locus* de uma das principais batalhas de MCs de Ribeirão Preto. Conforme Gimenez (2010), a praça é considerada uma das mais movimentadas da cidade¹⁰, uma vez que “promove uma vida social bastante importante e diferenciada para a população, oferecendo lazer, convívio social e cultura para seus frequentadores.” Nela também ocorrem manifestações populares, como ensaios e apresentação de grupos amadores de teatro e dança entre outros (GIMENEZ, 2010, p. 35-36).

⁸ A exemplo disso, o Circuito Paulista de Batalha de MCs que tem como objetivo integrar a cena de batalhas de rimas no Estado de São Paulo e o Duelo Nacional de MCs, ocorre desde 2012. <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/o-que-fazer-em-belo-horizonte/noticia/2020/08/30/duelo-de-mcs-de-bh-completa-13-anos-e-competicao-nacional-e-realizada-em-novo-formato.ghtml>

⁹ Em função da pandemia da Covid-19, os trabalhos de campo ficaram impedidos de serem realizados, por isso, recorreremos a outras estratégias metodológicas, como a análise de redes sociais virtuais, *Google Street View* e documentários que estão disponíveis na rede social *Youtube* (devidamente referenciados ao final deste texto), cuja potencialidade se evidencia nesse artigo.

¹⁰ Muitos de seus eventos são idealizados e incentivados pela Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, por meio da Casa de Cultura. Aos sábados de amanhã, acontece a feira de artesanato, incentivada pela Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades – SUTACO. Aos domingos ocorre a exposição e venda de artes, Galeria a Céu Aberto. Nas últimas sextas-feiras do mês, ocorre o chorinho com a banda Sexteto Colibri (GIMENEZ, 2010).

Figura 1: Coreto da Praça Sete de Setembro (Ribeirão Preto/SP): espaço público em disputa (2017)

Fonte:

<https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/cidades/NOT.2.2.1219994.Coreto+da+Praca+7+vira+reduto+de+drogados+em+Ribeirao+Preto.aspx>

Nas quintas feiras, a partir da final de tarde, os jovens, principalmente de bairros periféricos, vindo a pé, de bicicleta e *skate*, ocupam os espaços das praças e ruas em que ocorrem os eventos. Os degraus da escada do coreto, os corrimões das escadarias, muretas e o piso são transformados para a prática do *skate* e bicicleta. As paredes, muretas e pilares pichados e grafitados indicam a presença constante dos frequentadores, além da intertextualidade exercida pelos sujeitos do hip hop. Na análise de Rangel (2016), as pichações e grafites são transgressões ideológicas que são identificadas pelo grupo cultural ou por integrantes inseridos na mesma cultura dominante. São parte de um “processo de re-significação da paisagem urbana” que atribui outros significados, distintos dos atribuídos em sua origem.

São aspectos que caracterizam espaços públicos em disputa, na qual a imprensa local toma partido em matéria carregada de preconceitos: “Coreto da Praça 7 vira reduto de drogados em Ribeirão Preto [...] Antes palco de juras de amor, coreto da Praça 7 de Setembro vira ponto de encontro de usuários de droga”. O conteúdo da notícia expressa a idealização em relação ao passado do espaço público, compartilhada por muitos cidadãos, para quem o aumento da repressão policial seria a “solução” dos problemas atuais. Para Duhau e Giulia (2008), por trás da aparente desordem cuja manifestação mais notável é a violação sistemática das normas formais nos espaços públicos, existe uma série de regras ou lógicas sociais que regulam a relação entre as pessoas e o território, e que organizam os comportamentos no espaço urbano.

Delgado e Malet (2011) fazem a distinção entre o espaço público como categoria política e como lugar. A primeira definição está ligada ao conceito de esfera pública (categoria política que organiza a vida social e a configura) e a segunda à dimensão física ou material desse espaço (lugar,

sítio, comarca, zona)¹¹. É fundamental reconhecer a “pluralidade de usos, significados e funções de um espaço de e para encontros e cruzamentos” que transcende a acepção jurídica e a distinção básica entre público e privado, limitada à ideia de encontro e visibilidade generalizada (DELGADO; MALET, 2011, p.57). O hip hop articula a esfera pública e o espaço público a partir do grafite, do rap e do brake.

Pelo Mapa 1 é possível perceber a distribuição das batalhas de MCs¹² tanto no centro como nas periferias norte, sul e oeste da cidade. Sua localização expressa, sobretudo, a polarização norte pobre-sul rico, bem evidente em Ribeirão Preto e assim a relevância do processo de fragmentação, para além do processo de segregação socioespacial. Apesar das disputas e conflitos eventuais, as batalhas acontecem no centro, mas não na porção centro-sul, a mais valorizada cidade. Ou seja, os jovens não se conformam com sua localização limitada à periferia, mas não ocupam a porção mais rica da cidade.

Na linguagem do rap, nas batalhas, por meio das rimas e versos improvisados, os MCs competem entre si com o principal objetivo de derrotar o oponente, a partir de frases que expressam a ostentação de suas ações e a ridicularização dos adversários, aspecto comum também nos repentes e sambas de partido alto, por exemplo. Portanto, nem tudo é inovador nessa prática espacial que, em parte, se desenvolveu pelas fusões e assimilações de outros estilos musicais, mas também pela utilização das novas mídias e redes sociais, além dos espaços públicos, indicando que o processo de hibridização (CANCLINI, 2013) é parte constituinte das suas práticas. Normalmente, as batalhas ocorrem entre dois ou três MCs e o vencedor passa para a outra fase. A disputa de versos e rimas ocorre sobre batidas pré-escolhidas pelos organizadores e após a batalha os participantes votam no vencedor.

O brado da Sangue na Sete dá o tom das batalhas de rimas. “Nunca tremo diante do confronto/Sangue na Sete, fábrica de monstro/é onde se separa os homens dos moleque/Sangue na Sete, Sangue na Sete.” Os termos “moleques”, “homens” e “monstros” indicam uma hierarquia a ser enfrentada e os “mecanismos simbólicos de inserção” (TAVARES, 2010) dos jovens no coletivo, enfim, superar o medo é parte da luta que o MCs tem que travar, ir de moleque a monstro, para conquistar o reconhecimento no meio hip hop. Esses aspectos ajudam a entender as relações de poder

¹¹ De modo semelhante, segundo Gomes (2002), um enfoque geográfico acerca do espaço público deve considerar as relações entre as duas dimensões: a político/filosófica e a material/jurídica, pois ambas conformam um conjunto indissociável.

¹² Outras denominações podem ocorrer: batalhas de rap, rinha de MCs, duelo de MCs, saraus, slams, dentre outros, ainda que certas particularidades ocorram nestes dois últimos, como a apresentação de poesias, performances artísticas, debates..., o rap é o elemento central comum desses coletivos. Também o termo MC possui distintos significados: “MC é um acrônimo de Mestre de Cerimônias, que se pronuncia ‘eme ci’. Um MC pode ser um artista que atua no âmbito musical ou pode ser o apresentador de um determinado evento que não está necessariamente ligado a uma manifestação musical” (fonte: <https://www.significados.com.br/mc/>).

interna e externa aos coletivos marcadas por solidariedades, mas, contraditoriamente, também por disputas e divergências, como veremos melhor adiante.

Em relação à juventude, é importante reconhecer que se trata de uma fase da vida, que apresenta distintas “formas de ser jovem”, conforme os contextos socioespaciais (TURRA NETO, 2013). Além das transformações biológicas e psíquicas, essa fase é marcada pela necessidade de estar entre iguais, a partir da “pulsão gregária” (MAFFESOLI, 2005), obter reconhecimento desse círculo, que extrapola a família, no processo de busca de autonomia. Maffesoli (2005) entende que o indivíduo contemporâneo é múltiplo, composto por um “eu” fragmentado e plural. Em contrapartida, a pulsão gregária faz com que eles se associem a pequenos grupos (tribos), indicando a instalação progressiva de uma solidariedade orgânica, constituída de “atrações e repulsões, identificações afetuais ou de emoções partilhadas, em todos os domínios” (MAFFESOLI, 2005, p.209).

Em termos espaciais, o hip hop se realiza a partir de ações interescares. Como já apontamos na introdução, ao aderirem à cultura hip hop, os jovens passariam a articular um território contínuo (bairro) e o território em rede dos grupos, a “banca” (a partir dos terminais de conexão, nesse caso a praça, mas também a partir das redes sociais), criando fronteiras simbólicas em relação aos adultos (pais, parentes, professores, patrão) e outros jovens, afastando-os daqueles que não compartilham e aproximando-os dos que aderiram a esta identidade (TURRA NETO, 2013) e que podem ter origem em múltiplos territórios, numa escala global.

O idealizador da Sangue na Sete comenta o surgimento da batalha, como uma forma alternativa de lazer (um “rolê”), que logo tornou-se responsabilidade e compromisso para os idealizadores. Na sua fala transparecem os aspectos ligados à solidariedade e mudanças que envolvem os sujeitos, aspecto comum com os participantes do movimento¹³.

Então mano, a Sete é o sonho que nós começou... É a potencialização do que a gente mais sempre quis. A gente começou como um rolê, e o rolê acabou virando responsa, tá ligado... A gente tem várias pessoas que começou de uma forma, de um jeito e hoje tá totalmente diferente, tá estudando, tá fazendo seus corres pro progresso, viram outro caminho, tá ligado. Aqui a gente junta tribos, tá ligado, num intuito só, o respeito entre elas. (Marcelão, apresentador do Sangue na Sete)

Percebe-se a intenção de juntar tribos e promover o respeito entre elas, corroborando que sujeitos de fronteiras têm que possuir a habilidade de negociar espaço com as diferenças, a fim de dar continuidade ao coletivo (MACHADO, 2021). A apropriação de praças no centro da cidade, mas também na periferia, como veremos, é estratégia para mobilização dos coletivos que, sobretudo a partir desses terminais de conexão, procuram reproduzir e dar visibilidade às ações do coletivo,

¹³ Os depoimentos presentes no artigo referem-se às falas dos membros do hip hop transcritas da série de documentários realizados pelos SESC, como já explicitamos na introdução.

inserindo suas pautas no debate da esfera pública, para a qual, o espaço público continua a ser imprescindível.

Os frequentadores e os MCs, reconhecem a importância das batalhas na sociabilidade dos cidadãos e sua transformação em sujeitos também capazes de ação política pela arte. As batalhas podem ser vistas como um espaço produzido pelo e para o coletivo, “aqui”, mas com implicações que vão do individual ao coletivo, passando pelos locais de origem e moradia dos jovens.

Não sei se ceis entendi o peso disso mano? O quão mágico é você vê pessoas que a sociedade diz que não são nada, tá ligado, muitas vezes que são pessoas marginalizadas pela sociedade, aqui mano elas são poetas, tá ligado. Aqui elas são formadoras de opinião, aqui elas são pessoas que mudam vidas, tá ligado. (MC Guri)

Figura 2: Fanpage da batalha Sangue na Sete (2019)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BfzkcxUhoBr/> https://www.instagram.com/p/BRg_kohjNoa/

Conforme notícias vinculadas em jornais de circulação local e na página do Instagram do coletivo, as batalhas da Sangue na Sete chegam a reunir 150 pessoas. “Batalha não é bagunça” (Figura 2) é um *slogam* utilizado no Sangue da Sete que busca chamar a atenção daqueles que não participam do hip hop, especialmente, pela contraposição aos preconceitos que são veiculados pela mídia local (já mencionados) e partilhados por muitos cidadãos.

3.2 Sarau Disseminas

Criado em 2018, o coletivo é formado por seis mulheres, que organizam saraus como forma de ocupar espaços públicos. Esses saraus acontecem todas as quintas-feiras, às 19h30, também na Praça XV de Novembro, centro da cidade. Segundo Romani *et al* (2012), a praça foi implantada em meados do século XIX, tendo grande valor histórico-cultural, além de se constituir em uma das principais áreas verdes dessa área (ROMANI; GIMENES; SILVA *et al.*, 2012). Não é casual que tenha sido escolhida por dois dos principais coletivos hip hop de Ribeirão Preto, dando-lhes visibilidade, mas gerando também conflitos, como veremos.

Uma vez por mês, o coletivo Sarau Disseminas visita escolas e espaços periféricos da cidade, produzindo um espaço de arte e educação que articula o centro e a periferia, de modo que as desigualdades são reconhecidas, mas não reproduzidas¹⁴. O coletivo oferece oficinas temáticas (arte, corpo, dança, saúde, entre outras), realiza debates sobre feminismo, gênero, questões raciais, entre outras. O grito de guerra do Disseminas sugere que o grupo surgiu em meio à Batalha da Sete: “As mina invadiu a Batalha da Sete/Trazendo conteúdo, igualdade é o que nós pede/Toda quinta-feira somando no movimento/Isso aqui não é brincadeira é rima e desenvolvimento”. As falas das organizadoras do Sarau Dissemina explicitam seus objetivos, mas sobretudo indicam como as diferenças e desigualdades implicam as “identificações afetuais” e as “emoções partilhadas” (MAFFESOLI, 2005) que orientam os coletivos na busca por representatividade e liberdade de expressão no interior do próprio hip hop e na cidade.

O sarau Disseminas, ele surgiu para gente trazer mais representatividade feminina para o movimento... É empoderamento feminino e união.” (Ellis Schmidt, organizadora)

A gente sabe que existem muitas mulheres que sentem vontade de se expressar e que não tem essa coragem, e a gente começou o movimento pra que isso pudesse acontecer. Então, o sarau, pra mim, é uma forma de libertação, assim, sabe... É muito amor (Bianca Falcão, organizadora)

A gente chegou pra, como se fosse... pra plantar uma semente mesmo, sabe. A gente veio pra fazer raiz... É a revolução das mulheres. (Marcela Pavam, organizadora)

O que você dissemina? Qual é a ideia que você vai passar? As ideias da mina tá pesada, tá clara, a gente veio pra botar ordem na casa... O sarau Disseminas, pra mim, é coletividade. (Brenda Falcão, organizadora)

Segundo informações da *fanpage* do coletivo, as principais ferramentas são: arte de rua, produção local, literatura marginal, educação informal, cultura hip hop e coletividade.

Acreditamos na ocupação do espaço público como uma ferramenta de acessibilidade e democratização da cultura, educação e lazer. Nossas atividades unem vozes de artistas locais periféricos e fomenta uma troca plural e diversa. Através da literatura marginal, atuamos em atividades de formação cidadã, incitando o pensamento crítico e criando uma nova narrativa para jovens e crianças, principalmente oriundos das periferias.

Por meio da ocupação dos espaços públicos, os coletivos promovem a arte e os artistas periféricos, ao mesmo tempo em que contestam a relação centro-periferia. Pelo hip hop, operam uma mudança simbólica, atuando como sujeitos produtores de uma arte que os representa e possibilita agir de modo distinto (NASCIMENTO, 2021). Nesse sentido, as centralidades produzidas têm o potencial

¹⁴ A mediação das redes sociais e essa articulação socioespacial também são valorizadas pelos demais coletivos hip hop de Ribeirão Preto.

de restituição da urbanidade, pois muitos dos participantes passam a exigir melhorias nos locais de origem e denunciar suas injustiças.

Apesar da pandemia da COVID-19, o coletivo mantém-se muito ativo e organizado, diferente da Sangue na Sete, da Batalha do Picoe da Batalha da UBS, que reduziram suas atividades. Por meio das redes sociais, continuou divulgando suas atividades que passaram a ser realizadas *online*¹⁵. Mas, de modo geral, a formação de um território-rede, auxiliado pelas redes sociais, como mostram Turra Neto (2013), Souza e Bernardes (2017) e Tavares (2018), é estratégia para a apropriação de determinados espaços públicos e reprodução dos coletivos. As redes sociais são uma ferramenta de comunicação ampla e rápida para a mobilização dos coletivos, que assumiu papel preponderante durante o isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19.

Tal constatação confere atualidade à proposição de Innerarity (2010, p.140-1), segundo a qual, a ação política se realiza hoje principalmente nos meios de comunicação e “as sociedades modernas não necessitam de centralidade espacial”. Mas a excepcionalidade das condições impostas pela pandemia, as intermediações entre espaço público e redes cibernéticas, implementadas pelos coletivos de hip hop, como o Sarau Disseminas, por um lado, e a ocupação de espaços públicos de Ribeirão Preto que fazem parte das suas práticas, podem indicar um caminho interpretativo mais promissor e conectado com as realidades que pesquisamos, matizando e conferindo complexidade às proposições de Innerarity.

3.3 Batalha da XV ou Batalha dos Tombados

A Batalha da XV ou Batalha dos Tombados ocorre desde 2011, como já apontamos. Ela surgiu frente à carência de cultura e arte demandada pelos jovens periféricos, de acordo com a fala dos jovens analisadas a seguir. Desde então, a apropriação de praças da área central pelos jovens da periferia esteve associada ao surgimento de outros coletivos hip hop e a disseminação dessa cultura em Ribeirão Preto.

A Batalha dos tombados acontece na Praça XV em frente a estátua. E a importância dela? Pra gente, é porque é numa zona central muito carente de cultura, entendeu? E a cultura só vem até o centro quando a feira do livro vem até o centro. (MC Neguim, apresentador)

Apesar do centro de Ribeirão Preto possuir atividades e espaços culturais, como o Teatro Dom Pedro II e o Museu de Arte de Ribeirão Preto, por exemplo, a dificuldade de acesso ao consumo e a não representatividade daquilo que lhes é oferecido, os coloca em movimento. Os propósitos individuais e coletivos também aparecem numa das MCs participantes da batalha. É o espaço público servindo como plataforma da sociabilidade e transformação da vida de muitos jovens, segundo MC

¹⁵ Por exemplo, em outubro de 2020, foram dez *lives* que envolveram oficinas, saraus e debates, realizadas pelo Sarau Disseminas, de acordo com a *fanpage* do coletivo.

Jess, “é um crescimento. E faz bem pra muita gente, porque vai levar muita gente pro sucesso, pro conhecimento e acrescentar na vida de muita gente também”.

Os expectadores reconhecem nos MCs os esforços para produzir e disseminar conhecimento que possibilita a crítica da realidade, indicando o aspecto pedagógico contido nas batalhas.

Espiritualidade e abrir a mente... E muita gente que olha de fora, fala pô a galera tá curtindo um som, uma rima, mas se encostar, se ver, vai entender que é sabedoria, é estudo ao máximo, velho... Os moleque da batalha aí, o que os cara fala aí eu escuto a mileanos da minha professora... É de arrepiar! (Thiago Mendes, frequentador de batalhas)

Ao mesmo tempo que a praça permite a reprodução do hip hop, a promoção de sua visibilidade e divulgação, possibilitando a adesão de novos membros e admiradores, é indicativa do reconhecimento esperado pelos participantes, mas também os gera tensão e conflitos, com disputa por esse espaço.

Figura 3: Fanpage da Batalha da XV/Tombados (2019/2020)



Fonte: <https://www.facebook.com/TOMBADOSRP/photos/2851885068421768>
<https://www.facebook.com/TOMBADOSRP/photos/2480571098886502>

As batalhas contam com pequenas premiações para estimular as disputas, custear o coletivo e também manter sua regularidade. Em 2019, uma mensagem anunciava o retorno da Batalha, indicando que estava acontecendo de modo irregular naquele ano.

Agradecemos a todos que compareceram na batalha de ontem, foram poucos porém os verdadeiros! Lembrando que nosso campeão de reestreia foi o bubba MC e merecido! É só o começo de uma grande volta. E para uma grande volta é necessária grandes reformas certo? Portanto é com grande orgulho que venho vos informar que a batalha dos tombados será a primeira batalha integral valendo dinheiro toda última segunda do mês! O prêmio será de 70 reais para o campeão, a inscrição terá a taxa de 5 reais para cada MC e esse mesmo dinheiro será convertido para a premiação da batalha ficando 10 reais para a caixinha da batalha para criarmos um formato cada vez melhor. Obs.: No dia da batalha quem começará os versos não será decidido no ímpar ou par e sim no cara e coroa. E aí? Quem vai ser o primeiro a ganhar essa moeda? (Fanpage do facebook 02/07/2019)

Como expressão dos conflitos e disputas, a apropriação das praças Sete de Setembro e XV de Novembro pelos coletivos do hip hop é representada como um problema nos jornais da cidade, há alguns anos, como já mencionamos. Denúncias sobre pichações e má conservação das praças ocupadas pelos jovens do hip hop ocultam o sentido real das práticas dos jovens periféricos, imprimindo uma visão romantizada desses espaços públicos. De fato, há uma disputa ideológica sobre os usos e o significado simbólico dos espaços públicos centrais (DUHAU; GIGLIA, 2016).

Em reportagem de Castanho (2014), um jovem protesta: “É muito fácil colocar a culpa no pixador (sic), mas usar o dinheiro público em reformas e melhorias ninguém gasta”. Para ele, encarar a pichação na Sete de Setembro como ato de vandalismo é “difamar movimentos culturais como o que exercemos nessa praça.” Ele assume a autoria das pichações e completa: “Enquanto houver descaso de nossos governantes, vai haver revolta, vai haver ódio, vai existir pichação (sic)!” (CASTANHO, 2014). Contraditoriamente, o papel do Estado é valorizado, pela crítica e pela expectativa, no depoimento desse jovem, enquanto se sabe que, por meio da repressão policial, o Estado busca afastá-lo da praça, como representante de interesses de classes específicas, sobretudo das classes médias (DUHAU; GIGLIA, 2008; DELGADO; MALET, 2011).

Em entrevista que realizamos em abril de 2021, com um representante de ONG responsável pela conservação de praças em Ribeirão Preto, ele destacou a presença de jovens, com patins, bicicletas e skatistas, que se reúnem nas praças XV de Novembro e 7 de Setembro, o que, na sua opinião, gera conflito com os moradores e outros usuários. Mencionando tribos que incluem o pessoal do hip hop, o entrevistado que é pequeno empresário e reside no centro, considera que incomodam por conta do som alto, uso de bebidas e drogas, do lixo que geram e dos danos ao patrimônio pela prática do skate e eventuais depredações e pichações, cabendo à PM e à Guarda Municipal, o afastamento desses jovens, em sua maioria pobres, muitas vezes negros e residentes na periferia. Também o monitoramento contínuo dos espaços públicos centrais feito com câmeras de vídeo, tanto pela segurança privada (de lojistas e *shopping*), como pelo poder público, por meio da polícia, evidencia, nesse caso, a relativa insegurança e a tentativa de monitoramento e controle dessa porção da cidade. Além disso, para parcela dos moradores do centro de Ribeirão Preto, esses jovens e suas práticas não são bem-vindos, o que possibilita a identificação de disputas e conflitos pelo uso e significado das praças centrais, ainda que as práticas do hip hop estejam atreladas aos ritmos da cidade, ocorrendo no início da noite, quando há menor fluxo de cidadãos.

Em 2020, em função das restrições impostas pela pandemia da COVID-19, as batalhas foram reduzidas em número e deslocadas da Praça XV para a periferia da cidade, especialmente para a zona norte, conforme cartazes na página do coletivo. As batalhas vêm acontecendo num posto de gasolina, posto NFL, no bairro Candido Portinari (Figura 3), portanto um espaço privado de consumo, que recebeu nova função para prática do hip hop. Em meio aos conflitos pela apropriação das praças do

centro da cidade, Souza e Bernardes (2017, p.31) demonstram que a reterritorialização do movimento hip hop se dá como estratégia frente às dificuldades da repressão do poder público, é “[...] a articulação entre os sujeitos que pertencem ao movimento desenvolvendo-se uma rede com o intuito de produzir um circuito de eventos e de comunicação por meio do uso das redes sociais virtuais [...]”, são aspectos que garantem a sua reprodução. No contexto da pandemia, haveria uma convergência de fatores responsáveis por essa reterritorialização, que implica em perdas, mas favorece a continuidade do movimento e, nesse sentido, se assemelha aos efeitos das estratégias adotadas em relação ao Sarau Disseminas, que focaram no espaço virtual, durante a pandemia.

Souza (2020) identifica distintos tipos de práticas espaciais insurgentes que, por vezes, ocorrem de modo combinados e se utilizam de estratégias socioespaciais complexas, como é o caso do hip hop. A territorialização no sentido restrito, é marcada pela presença física constante, a exemplo das ocupações, mais ou menos duradouras, que tendem a ser “ruidosas”. A territorialização no sentido amplo, no qual se questionam as regras do Estado ou dos proprietários privados, “sem a presença física dos transgressores/desafiadores”, normalmente ocorre de modo silencioso e às escondidas, a exemplo do grafite e das pichações. A refuncionalização do espaço, que se desdobra da apropriação (podendo gerar modificações no espaço construído, tem a finalidade de possibilitar funções e usos não previstos, como ocorre com skate, bicicleta, basquete e as batalhas. O sentido atribuído ao processo de refuncionalização do espaço, nesse caso, é o da modificação dos usos e das funções originais atribuídos a certas frações do espaço urbano pelos grupos e coletivos (SOUZA, 2020). Podendo ocorrer de modo mais evidente quando falamos dos picos e das batalhas de MCs, que veremos a seguir, ou ainda de modo mais sutil, com a transformação de um posto de gasolina em *locus* da Batalha dos Tombados. A ressignificação dos lugares, ocorre a partir das disputas entre agentes hegemônicos e não hegemônicos, como é caso da apropriação de praças e produção de novos espaços públicos. A construção de circuitos econômicos alternativos e de redes espaciais que possibilitam práticas multiescalares, a partir dos territórios dissidentes, são evidenciados na participação de MCs em shows e batalhas de caráter estadual e nacional, pela gravação e venda de CDs, camisetas, bonés, artesanato, redes de cursos, debates, dentre outros.

3.4 Batalha do Pico

Com poucas opções de lazer e cultura perto de casa, os jovens ligados ao hip hop vêm construindo alternativas, tanto no centro, como já analisamos, como na periferia da cidade, como veremos. Em uma área de expansão urbana, com terreno elevado, próxima à rodovia Alexandre Balbo (anel viário), os moradores do Planalto Verde, zona norte de Ribeirão Preto, transformaram um vazio urbano, que tem vista panorâmica da cidade, em espaço de lazer, usado principalmente por jovens nos finais de tarde. O Pico Jardim Jamil Seme Cury, conhecido como Pico do Planalto Verde, foi o lugar escolhido para a criação da Batalha do Pico, ação que rende orgulho aos participantes. As

batalhas acontecem aos domingos, conforme o brado “Você quer rap, peão?/ fechou, cola comigo/todo domingo tem Batalha no Pico”.

Nois queria fazer um movimento na quebrada... e a Batalha do Pico, pra mim na verdade parça, foi uma das melhores coisas que a gente fez até hoje, do meu ponto de vista, é uma das melhor coisa que a gente fez pela quebrada... Então ela, foi todo meu corre de vida que fiz até hoje, tá ligado. ...Eu peguei aquela palavra rap e fiz aquela frase assim, respeito ao próximo. Todas as folhinha nossa eu coloco isso. Pra nós isso é o mais importante, independente de qualquer coisa que a gente fale aqui na batalha, a gente tem que sair de cabeça erguida, todos felizes, pela batalha que nois fez... É o perreco¹⁶, é o respeito, e a igualdade entre todos parça. Então pode encostar qualquer um aqui que vai ser bem aceito e bem vindo aqui. É isso aí que é Batalha do Pico, tá ligado parça. (MC Maguila, fundador da Batalha no Pico)

Na fala MC Maguila, além do orgulho mencionado, as finalidades do respeito ao próximo e a igualdade e de reverter (ou enfrentar) uma das muitas carências da periferia, chamada de “quebrada”. Como afirma Machado (2021, p.316), “O hip hop nos parece muito conversar com tais condições de moldar o ser em co-pertença”, conforme as especificidades de onde se realiza.

A quebrada aqui nossa não tem nenhum tipo de cultura, não tem nenhum lazer, não tem nada pra gente fazer de final de semana. Nunca teve, tá ligado? ...Aqui a gente tá tirando vários MCs, colocando eles pra fazer música, tá ligado. Vários tão virando poetas mesmo, tá ligado... Você vai pegando um aprendizado, porque aqui já é outras regras, já é outro tipo de batalha do que é lá no centro, entendeu? Que aqui já é um negócio periferia mesmo, tá ligado, aqui nois se entende. Batalha do Pico é perreco, cê entendeu? É gastação, que nois tá aí pra zoar mesmo. Nois tem que levar o bagulho numa distração senão a gente explode, tá ligado... A única regra é manter o respeito um pelo outro. Se viu que a zoeira tá passando do limite, respeita, tá ligado... O bagulho é meu orgulho. Isso aqui é meu pedacinho, parça, cê é loco! (MC Dunada, fundador e apresentador da Batalha no Pico)

Figura 4: Fanpage da Batalha do Pico (2019)



Fonte: <https://www.instagram.com/batalhadopico/>

¹⁶ Gíria: “Pessoa que joga conversa fora.” (dicionário Informal). Briguento ou mentiroso (Kondzilla).
<https://www.dicionarioinformal.com.br/perreco/>
<https://kondzilla.com/m/gurias-das-quebradas-de-sao-paulo-para-voce-aprender>

Na fala de MC Dunada, são valorizados os jovens que saíram da batalha e se destacaram no meio hip hop, ou seja, passaram a frequentar outras batalhas e mesmo registrar seus trabalhos¹⁷. Mas, principalmente, seu discurso busca diferenciar a Batalha do Pico das outras batalhas que ocorrem no centro da cidade, “periferia mesmo”, ressaltando sua origem, e, por possuir regras particulares, “aqui nois se entende”, na busca de “zoeira” e “distração”, em referência à predominância dos pobres em espaços periféricos. Ainda que a fala de Dunada não revele rixas com outras batalhas, ela indica disputas entre elas ou MCs que atuam no centro, onde predominam interesses de outras classes sociais, que a política defende tantas vezes. Esse aspecto é retratado nas letras de rap e tem forte expressão espacial na oposição centro – periferia, que continua a marcar a produção do espaço urbano no Brasil, ainda que tenha se tornado mais complexa.

3.5 Batalha da UBS

Na Praça Antônio Duarte Nogueira, também na periferia norte de Ribeirão Preto, ocorre a Batalha da UBS, nome em referência à Unidade Básica de Saúde, o posto de saúde do bairro Vila Virgínia. A praça possui campo de futebol, um *playground* e uma pista de skate. Segundo os organizadores, a praça foi ocupada primeiramente pelos skatistas, depois disso, passou a espaço de aprendizado e protagonismo, para quem participa da batalha. É importante mencionar que algumas dificuldades, riscos e vulnerabilidades sociais que estão presentes entre as práticas desses jovens ficam ocultos nas suas falas, especialmente àquelas voltadas à divulgação e isso não descaracteriza o fato de que é mais um caso em que a necessidade de cultura e lazer e o protagonismo dos jovens deu origem à batalha, com rápidos desdobramentos.

Além do skate, o basquete é uma prática corrente no local, ambos esportes comumente praticados pelos jovens do hip hop. O primeiro, ainda hoje é considerado um esporte estigmatizado, já o segundo é um esporte difundido entre as diferentes classes sociais. É comum as batalhas ocorrerem em outros formatos (trios), mas também oferecem prêmios aos participantes. Conforme a imagem, há inclusive a participação de crianças e jovens adolescentes nas batalhas.

Eu vejo de muito tempo mesmo, que a quebrada abriga muito menor talentoso, tá ligado. Eu vejo a batalha como uma forma dos menor aproveitar que tem a batalha aqui e colar pra tá se soltando, pra tá aprendendo sobre o movimento. (MC Jimmy, apresentador da Batalha da UBS)

¹⁷ Conforme imagens postadas na fanpage do coletivo, as batalhas atraíam dezenas de jovens e contavam com premiações. No entanto, em comentários mais recentes, é mencionado que a batalha deixou de ser realizada em 2020.

Figura 5: Fanpage da Batalha da UBS (2020)



Fonte: <https://www.instagram.com/batalhadaubs/>

MC Jimmy reitera a importância da copresença já destacada e o caráter pedagógico das batalhas na atração e formação de novos membros do movimento hip-hop.

A importância de trazer um movimento desse pro bairro... que o intuito, no começo, foi mais uma parada pra gente poder se unir, tá ligado. Nois que é do bairro, fazer por nois mesmo... Trazer uma visão diferente do que tá acontecendo hoje em dia, tá ligado. E eu acho, que as pessoas daqui em volta precisava muito de ver como é amplo tudo, tá ligado. Então, pra mim já uma grande conquista. Eu já podendo participar do movimento, estando na linha de frente, trazendo um benefício pro pessoal aqui, que tá aprendendo a lidar com uma batalha de rap.” (MC Benitto, apresentador da Batalha da UBS)

No depoimento de MC Benitto, transparece o orgulho de fazer parte do movimento e contribuir com o bairro, mas ele vai além, como argumentamos, em muitos casos projeta seus membros, principalmente os apresentadores e MCs, para outros territórios do hip hop, em diferentes escalas, do local até ao nacional/internacional, em alguns casos, como artistas consagrados no movimento hip hop e no mercado. Ele também valoriza a visibilidade proporcionada para os moradores do lugar e sugere que as fronteiras simbólicas criadas pelo hip hop são porosas, permitindo fluxos entre participantes e não participantes do movimento. Evidentemente, a aceitação e não aceitação dele ocorre de modo conflituoso como analisamos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise que realizamos, não pretendemos esgotar a discussão acerca da produção e apropriação de espaços públicos a partir do hip hop, mas sim, propor elementos teórico-metodológicos e analíticos que possibilitem a continuidade de pesquisas tanto em Ribeirão Preto como em outras cidades, sobretudo para análise das práticas espaciais e as disputas decorrentes do processo de fragmentação socioespacial.

De modo geral, como apontamos, a evolução dos meios de transporte e dos meios de comunicação associada à lei da acumulação capitalista, influenciou a urbanização e a forma espacial da cidade (SOJA, 1993). A passagem do fordismo para as formas de produção e consumo produção flexíveis tem relações diretas com as mudanças na produção do espaço urbano e com as práticas espaciais que orientam seu cotidiano. A cidade, como mediação dos processos globais do modo de produção (em crise e reestruturação), foi submetida à intensificação dos processos de homogeneização, fragmentação e hierarquização que movem a valorização imobiliária e a dispersão urbana (LEFEBVRE, [1985] 2013). Este processo com correspondências na produção e no espaço (a realocação e a desconcentração industrial e terciária) e no consumo (automóveis, espaços residenciais fechados, *shopping centers*, hipermercados, parques temáticos, turismo...), vem reconfigurando as centralidades, as segregações socioespaciais, com novas polarizações, movimentos e fluxos materiais e imateriais, enfim, as práticas espaciais, tanto no sentido de novas segmentações, como de novas sociabilidades e coletividades.

Nesse contexto, dois aspectos são característicos do processo de apropriação de espaços públicos e das manifestações políticas decorrentes da estratégia de contestação de certos aspectos da ordem vigente. Conforme Gomes e Ribeiro (2018), I) quanto maior a homogeneidade do movimento, maior a sua força política; II) quanto maior a heterogeneidade da ocupação dos espaços públicos, maior a potência de transformação social. Em relação ao primeiro, vimos que apesar das características comuns ao hip hop, os coletivos, ao ocuparem determinados espaços na cidade e lidarem com as dificuldades internas, tendem a funcionar de forma autônoma, uns em relação aos outros. Ainda que alguns de seus membros circulem entre eles e novas escalas de ação venham surgindo, como as batalhas estaduais e nacionais, vimos que por meio das redes sociais, fortalecem a apropriação dos espaços públicos e recriam o hip hop. Porém, demandas e objetivos específicos, assim como formas de articulação e formação dos organizadores geram distinções entre os coletivos. Ficou clara a maior capacidade de organização/adaptação do Sarau Disseminas diante das restrições geradas pela pandemia da Covid-19, quando comparada aos demais coletivos hip hop de Ribeirão Preto.

Em outros termos, as práticas espaciais insurgentes e a política localizada e segmentada em distintos coletivos, apesar de possuir unidade no interior da realidade socioespacial, tende à reprodução da lógica fragmentária imanente ao capital, ou seja, constrói hierarquias e divisões que também são reproduzidas a partir das tribos urbanas. Nesse sentido, de um modo ou de outro, as distinções (BOURDIEU, 2008) e as individualizações (BOURDIN, 2005) produzidas pelo consumo e as barreiras simbólicas e materiais nelas implicadas são aspectos que atingem toda a sociedade, inclusive os coletivos, o que reafirma o processo de fragmentação socioespacial. São divisões de gênero, lugar (centro e periferia) e classe, reproduzidas pelos coletivos do hip hop, como vimos. Como discorre Maffesoli (2005, p.211), sob as “identificações afetuais” ou as “emoções partilhadas”, em todos os domínios, inclusive o consumo estético, a “ordem que parece desenhar-se é a de um conjunto de comunidades nem positivas nem unanimistas, mas precárias e submetidas à versatilidade da emoção.”

Ainda que o consumo apresente como potencial o acesso à cidadania e ao direito à cidade, a exemplo da produção/consumo realizada pelos coletivos hip hop, são aspectos que expressam novas sociabilidades de caráter fragmentário, como sugere Maffesoli (2005). No espaço urbano, isso se manifesta na formação de ordens segmentadas e articuladas, temporal e espacialmente, correspondentes ao processo de fragmentação socioespacial. As manifestações do hip hop, no espaço público, contraditoriamente a questionam e ressignificam, mas também são sua expressão. Nesse sentido, a autonomização das formas de luta e resistência é reproduzida pelas demandas e necessidades particularizadas pelos grupos e coletivos como estratégia, apesar da fragilização e isolamento que possa implicar. Isso inclui a decisão sobre a continuidade ou não das batalhas no modo *online*, ou o deslocamento e a reterritorialização das batalhas para sua continuidade, quando, ao nosso ver, poderiam favorecer a unidade dos coletivos. Assim, não há o “abandono do modelo centro/periferia” ou demonstração da desnecessidade da centralidade espacial (INNERARITY, 2010, p.140-1), mas sim, como mostramos, uma reapropriação material, simbólica e disputas pelos seus conteúdos, além da evidente polarização norte-sul do espaço urbano de Ribeirão Preto. Ademais, ainda que as manifestações políticas ganhem relevância nas redes sociais virtuais, elas se efetivam, ganham força e significado no espaço público, a exemplo das centralidades produzidas pelo hip hop.

Em relação ao segundo aspecto associado à ocupação dos espaços públicos, pela heterogeneidade da sua ocupação, a ação dos coletivos evidencia distintas ordens em disputa, mas com potência de transformação social. As batalhas de MCs questionam as desigualdades e as diferenças socioespaciais, a partir das letras e práticas, valorizando a copresença, a visibilidade, a proximidade e a inovação que possibilitam os espaços públicos. Mais do que isso, no contexto de privatização crescente, são práticas que permitem apropriar e disputar espaços que não foram para eles reservados. Simultaneamente, o hip hop transpõe fronteiras materiais e estabelece fronteiras

simbólicas, contestando as relações centro-periferia das cidades, criando centralidades e espaços públicos. No interior desta ordem (transitória), os espaços urbanos articulados pelo hip hop, aproximam os jovens que compartilham ou se interessam pela prática, mas criam também fronteiras simbólicas em relação aos que negam ou não aderem a esta identidade, pois é uma cultura que questiona, produz e realiza a confrontação de determinados *habitus* e sentidos ideológicos, apesar da abertura e diálogo que também propõe. Por fim, no contexto da fragmentação socioespacial, as práticas espaciais e as falas dos sujeitos do hip hop trazem elementos que mostram senão a superação ao menos o desenvolvimento de uma condição individual/coletiva de lidar com a carência de lazer e cultura, com as condições de pobreza e violência a que originalmente estavam inseridos e lhes negava o direito à cidade.

REFERENCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A distinção. Crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIN, Alain. *La métropole des individus.* Paris: Éditions de l'Aube, 2005.

CANCLINI, Nestor. G. **Culturas Híbridas.** São Paulo, EDUSP. 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo: Editora Contexto, 2001. 368p.

CASTANHO, Lucas. Pichações em praça de Ribeirão Preto são protesto, diz grupo. **Jornal da Cidade.** 18/09/2014.
<https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/cidades/NOT,2,2,989999,Pichacoes-em-praca-de-Ribeirao-Preto-sao-protesto-diz-grupo.aspx>

DELGADO, Manuel; MALET, Daniel. *El espacio público como ideología.* **UrbanDoc.1,** 57-65, 2011.

DUHAU, Emilio; GIGLIA, Angela. *Metrópoli, espacio público y consumo.* México D.F.: FCE, 2016.

FELIX, J. B. de J. **Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano.** 2005. 206 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, São Paulo, 2005.

GIMENES, Renata. **Análise histórico-cultural, paisagística e quali-quantitativa dos elementos arquitetônicos da Praça Sete de Setembro, Ribeirão Preto, SP.** 2010. x, 70 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96910>>.

GÓES, Eda M.; SPOSITO, Maria E. Beltrão. Práticas espaciais, cotidiano e espaço público: o consumo como eixo da análise do Calçadão de Presidente Prudente-SP. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia** (Anpege). p.39-65, V.12, n.19, jul-dez.2016.

GÓES, Eda M; SPOSITO, Maria E. Beltrão. Introdução. In: GÓES, Eda Maria *et al* (org.). **Consumo, crédito e direito à cidade**. Curitiba: Appris, 2019. pp. 9-16.

GOMES, P. C. da C. ; RIBEIRO, L. P. Espaços públicos como lugares da política/Public spaces as spaces of politics. **Geografares**, [S. l.], n. 26, p. 5-11, 2018.

GOMES, Paulo César da Costa. **A Condição Urbana - Ensaio de Geopolítica da Cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GOMES, Renan L. **Território usado e movimento hip-hop: cada canto um rap, cada rap um canto**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP, 2012.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

INNERARITY, Daniel. **O novo espaço público**. Lisboa: Ed. Teorema, 2010.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEFEBVRE, H. Prefácio. In: A produção do espaço. **Estudos avançados** 27 (79), [1985] 2013

LINDÓN, Alicia. *Geografias de la vida cotidiana*. In: LINDÓN, Alicia; HIERNAUX, Daniel (Ed.). **Tratado de Geografía Humana**. Barcelona: Antrophos, 2006. p. 356- 400.

MACHADO, J. Jordânia Marçal *et al*. Reexistência: complexo matutado nas andanças do *hiphop*, batalhas de *rap* e *saraus*. In: SOUZA, Ana Lucia Silva (org.). **Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. pp. 309-26.

MAFFESOLI, M. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MIRANDA, A. **O uso do território pelos homens lentos: a experiência dos camelôs no centro de Ribeirão Preto**. Campinas: Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, 2005.

MOURA, Arthur. **O ciclo dos rebeldes: processos de mercantilização do rap no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Educação Proc. Formativos e Desigualdades Sociais) - Faculdade de Formação de Professores/UERJ, 2017.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/Divisão de Música Popular, 1983.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Saraus nas periferias: escrevendo corpos, territórios e ações coletivas na cidade*. In: SOUZA, Ana Lucia Silva (org.). **Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. pp. 327-342.

NAVES-BOUCHANINE, Françoise. *La fragmentation: sources et definitions*. In: NAVES-BOUCHANINE, Françoise (dir.) **La fragmentation en question: des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale**. Paris, L'Harmattan, 2002, pp. 45 - 103.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. Juventude e territorialidades urbanas: uma análise do hip hop no Rio de Janeiro. **Revista Geografia** - v.2, n.1, p.1-8, 2012.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva (orgs.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo, Annablume, 2004. 234p.

RANGEL, A. N.. [Re] significações da paisagem urbana: uma análise antológica da cidade de Campos dos Goytacazes. In: 2º Seminário cidades, espaços públicos e periferias, 2016, Campos dos Goytacazes - RJ. Graffiti; **Paisagem; Políticas Públicas de Cultura. Campos dos Goytacazes: Grupo de Pesquisa Cidades, Espaços públicos e Periferias – Diretório CNPq Universidade Federal Flum**, 2016. p. 287-300

ROMANI, G., GIMENSES, R. SILVA, M., PIVETTA, K. e BATISTA, G. **Análise quali-quantitativa da arborização na praça XV de Novembro em Ribeirão Preto - SP, Brasil**. Viçosa: Revista Árvore, 2012.

ROXO, Rafael. A cidade contemporânea: fundamentos teórico-metodológicos para análise da produção e apropriação do espaço urbano-metropolitano. **Geofronter**, v.3, pp.72-93, 2019.

ROXO, Rafael. A formação urbana de Campinas (SP): de pouso à margem do caminho do ouro a lugar mundial. **GEOSUL (UFSC)**, v.35, p.38 - 63, 2020.

SANTOS, Daniela Vieira dos. Sonho Brasileiro: Emicida e o Novo Lugar Social do Rap. **Nava**, v. 7, n. 1 e 2, agosto, 2018 e 2019, p. 265-277, UFJF, 2020.

SESC– Serviço Social do Comércio. **Juventudes Periféricas: Batalhas de Ribeirão Preto**. 2019. <https://www.youtube.com/playlist?list=PLSQPgUA8X-xwZEJEP6gcZlmzVQxiCgCww>

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: reafirmação do espaço na teoria crítica social**. Rio de Janeiro: Jorge Zarar Editor Ltda., 1993.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

SOUZA, Thais Dias; BERNARDES, Antônio. Da rua à internet, há a rua: sociabilidade e identidade hip hop na cidade de Macaé, Rio de Janeiro. **Revista Ra'e Ga**, Curitiba, v.42, p. 21 -35, Dez./2017.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. Fragmentação socioespacial. **Mercator**, 19, pp. 1-13, 2020.

SPOSITO, Maria E. B.; GÓES, Eda M. Da diferenciação à fragmentação. In: GÓES, Eda Maria *et al* (org.). **Consumo, crédito e direito à cidade**. Curitiba: Appris, 2019. pp. 77-104.

TAVARES, Breitner. Geração hip hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal. **Soc. estado.**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 309-327, Aug. 2010 .

TAVARES, Thais Dias. Rima Cabrunco: a centralidade urbana de lazer hip hop em Campos dos Goytacazes/RJ. **VÉRTICES**, v. 20, p. 246-266, 2018.

TURRA NETO, N. Movimento hip hop do mundo ao lugar: difusão e territorialização. **Revista de Geografia**, v. 1, p. 1-11, 2013.

ZAMBONI, Débora Prado. A territorialidade do capital: da fazenda ao condomínio, desenhando a cidade. **Tese** (Doutorado) — Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território, Santo André, 2018.

Trabalho enviado em 20/07/2021

Trabalho aceito em 21/09/2021